

Jean-Jacques Tyszler Uma nova temporalidade?



A topologia é o tempo lança Lacan em um último aforismo, e nesse espaço fechado

que cria

brutalmente o confinamento nossa temporalidade é completamente subvertida.

Podemos propor que é promessa sempre repetida da pequena cena do fantasma que está como que em suspenso, imagem parada por falta de uma antecipação dos dias por vir: é a passagem do célebre *Bate-se numa criança*, no tempo subjetivo “eu sou batido” que permanece em pontilhado.

O desconfinamento não regulamenta a questão porque a saída de emergência permanece ainda imprevisível.

Tempo da punção, tempo do fantasma, tempo do ato se declinam ordinariamente e se enodam na metapsicologia freudiana

O apagamento dos rituais

Bem antes das decisões cruéis que foram tomadas interditando as visitas aos moribundos e a presença nos enterros, nós éramos advertidos sobre o apagamento acelerado dos rituais de luto nas crianças.

Quantos pais vinham nos dizer querer poupar a seus pequenos a cremação ou o cemitério; esse apagamento também é aquele das memórias e da própria escrita, porque os túmulos são bastante “escritos” com os nomes, as datas, os lugares de origem.

É preciso colocar em relação os rituais da morte que nos chegam da aurora da Humanidade e a ritualização habitual da vida erótica, da vida sexual e fantasmática.

O apagamento dos rituais de luto vem participar da defecção do cenário imaginário que nos sustenta agarrados a Eros e fixa a dimensão traumática da experiência inédita em curso nessa crise sanitária mundial.

À sua maneira, uma sessão de análise é bastante ritualizada, o que se chama “o enquadramento”, e é o que permite criar essa “outra cena” da qual Freud fala.

A sessão ao telefone esfumaça o pequeno cerimonial de acolhida e, paradoxalmente, aquela pelo Skype pode induzir uma intimidade sem véu que não faz mais cena narrativa mas imagem desnudada, sobretudo para os adultos, porque o interesse para criança é inegável.

A livre associação de ideias

Nas primeiras semanas do confinamento as seções se resumiam frequentemente a um quase compartilhamento de experiências, depois os analisantes pediram para recontar seus sonhos, que misturavam temas do contexto e outros tomados de empréstimo à vida de desejo e também a motivos antigos, mais infantis.

Nada de novo sob o sol primaveril?

O que é talvez para se sublinhar é a dificuldade para associar sem que se venha a ser, sem cessar, lembrado da extrema contingência na qual nós estamos mergulhados: “se não há uma segunda onda... “.

Uma sessão de análise se constrói no futuro anterior e é preciso um ponto geométrico no horizonte, como um ponto no infinito na perspectiva na pintura, para que o famoso, *Wo es war sol ich werden* (ali onde o isso estava, um “eu” deve advir) possa se escrever.

O que é surpreendente também é o número de pacientes, e igualmente de colegas aliás, declarando que os dias seguintes ao confinamento tudo continua, nada muda...

O espaço fechado sobre o *heim*, a residência, suscita uma forma de tirania doméstica que o inconsciente doravante tem dificuldade de largar; ironia mordaz da História que nos fixa novamente ao trabalho (em casa), à família, e para alguns à pátria (já que as fronteiras estão fechadas).



Esperamos, entretanto, que nossa juventude conseguirá redizer isso!

Na escola das crianças pequenas

São as idades precoces que nos ensinam melhor sobre os fenômenos inéditos em curso. A fantasmagoria Edipiana pode encontrar-se afetada quando a criança compreende que o adulto pode ser portador do pior, da morte, por seu trabalho ou pelos riscos que ele corre.

A criança pode recusar o contato, o mimo e refugiar-se no meio de seus objetos familiares, seus ursinhos, sua pelúcia.

Os terrores noturnos que se encontra frequentemente testemunham a visita dos monstros.

Alguma coisa do Real vem surpreender a erotização dos laços de proximidade e mergulha a criança num tempo de desilusão muito precoce, como nós o constatamos por ocasião de um divórcio pouco tempo após um nascimento, por exemplo.

Na idade da Bela Adormecida e do Príncipe encantado, a criança vive uma temporalidade de decepção em aceleração.

Há também uma alternância rápida dos momentos alegres nos quais o pequenino vagueia em suas ocupações cotidianas e em momentos de desamparos intensos que acontecem sem gritos. Teremos que verificar posteriormente em que vai se tornar essa clínica cíclica, alternante, quase “bipolar”.

O rearranjo fantasmático na adolescência padece também desse colapso espaço-temporal induzido pelo Vírus; foi-nos possível acompanhar estados confuso-oníricos, com delírio de observação e de possessão, como descrito classicamente, mas redobradamente aqui por uma disforia maior.

Isso resta contudo a se documentar melhor antes de generalizá-lo.

Os serviços de psiquiatria hospitalares sublinham, entretanto, a relativa quietude dos pacientes “crônicos” e a chegada repentina de surtos delirantes nos indivíduos jovens desconhecidos até então.

Ser batido por um Covid e não mais pelo pai é uma construção imaginária que é difícil de transformar em um relato estruturante.

A temporalidade do inconsciente já está aí duradouramente afetada, como nós o tínhamos evocado sucintamente; tudo dependerá doravante do que vai se seguir na efetividade de nossas existências.

Um pouquinho de esperança

A psicanálise não é uma ciência exata e nós redescobrimos que a medicina também não o é. Pode ser que a aurora se levante numa jornada que fará acontecimento, uma boa surpresa, um tratamento, ou simplesmente a doença será esfumada.

Restará então aos analistas, com modéstia, que retomar alguns pontos de certeza lembrando-se como bússola dessa advertência de Jacques Lacan:

“A certeza não é para Descartes, um momento que se possa ter por assentado uma vez que foi atravessado. É preciso que ele seja, a cada vez, por cada um, repetido. É uma ascese. É um ponto de orientação particularmente difícil de manter no incisivo que constitui seu valor...” (Seminário, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, lição XVII)

- Consultar o Blog da Association Général des Enseignants de Maternelle AGEM).
- <https://delecolealamaison.aqem.org/conseil-scientifique>

Tradução: *Letícia P. Fonsêca*